

A Formação Étnica do Brasil e as Formas do Preconceito

Giovanni Baruffa

RESUMO: O referido artigo trata da formação étnica do Brasil e as formas de preconceito. Aborda sobre as matrizes raciais e culturais diferentes que deram origem a uma etnia sincrética e diferenciada no que diz respeito às matrizes formadoras.

PALAVRAS-CHAVE: etnia; preconceito; cultura.

O povo brasileiro, etnicamente; é um *povo novo*, formado pelo "*caldeamento*" (para usar um termo caro a Darcy Ribeiro) de matrizes raciais e *culturais* diferentes que deram origem a uma etnia sincrética e diferenciada no que diz respeito às matrizes formadoras. O caldeamento *impediu* o surgimento de *uma sociedade multiétnica guetizada e conflitante* como consequência de antagonismos raciais ou culturais e fez desabrochar uma unidade étnica única e original. Não se trata porém de unidade uniforme. As diversidades da *ecologia*, as diferentes formas de *economia* e relativa diferenciação produtiva, ligadas a um país de dimensões continentais, os *fluxos migratórios* das mais variadas procedências impediram a uniformidade.

Ecologia, economia e migração "plasmaram historicamente diversos modos rústicos de ser brasileiro" (D. Ribeiro: O povo Brasileiro, pg. 21). Temos assim o sertanejo nordestino, o caboclo amazônico, o crioulo do litoral, o caipira do sudeste e centro, o gaúcho sulino e *italo-brasileiros, teuto-brasileiros, nipo-brasileiros* etc. Em todos a "brasileiridade" é muito mais marcante das diferenças étnicas de origem ou adaptativas. Eis então o Brasil: *povo-nação, etno sui generis, inconfundível e única*.

Merece consideração ainda o fato de que a *América portuguesa* se apresenta como um *bloco unitário e gigantesco*, a diferença da América espanhola fortemente fragmentada. Sem dúvida o mérito cabe à rígida centralização lusitana que eliminou toda e qualquer tendência separatista movida por interesses regionais, por identificações étnicas ou por pressões externas.

A *unidade étnica*, única e original, coexiste todavia com uma rígida estratificação social que condiciona um profundo distanciamento entre as camadas sociais que entram na sua composição. A *exploração colonial* do país, promovida por um capitalismo mercantil alienígena e selvagem, comportou a implantação do trabalho escravo, que utilizou primeiro os autoctones e depois recorreu à importação dos negros, sustentando-se por meio da *repressão mais cruel* e desembocando no *genocídio e etnocídio*.

Temos então a coexistência da uniformidade étnica e cultural com a mais cruel e profunda deformidade social. Advém disso desconfiança e pânico entre as elites todas as vezes que se perfila um movimento de ascensão social entre as camadas excluídas e oprimidas. *Desconfiança e pânico* da classe dirigente compõe a história passada e presente do país frente as reivindicações dos oprimidos e promovem *periódicos surtos de autoritarismo e relativa repressão*.

É o Brasil uma democracia racial? É lugar comum afirmar que não existe no Brasil conflito racial, que o racismo é ausente mesmo porque contra a lei e a constituição do país. Mas é também lugar comum afirmar que "o negro conhece o seu lugar" e "negro rico é branco e branco pobre é negro". O que existe desde os primórdios da colonização é um profundo desprezo *pelo trabalho manual*, considerado degradante. Inexistente aqui uma ética do trabalho. O trabalho não nobilita o homem, como reza a ética protestante, particularmente na sua vertente calvinista. O trabalho lembra a *condenação bíblica* "ganharás teu pão com o suor da tua testa." A cultura portuguesa, como a hispânica, prestigia o ócio, na sua acepção latina "otiu".

Fazer o que dá prazer, o que não comporta esforço repetitivo e cansativo, o que não rebaixa o homem ao nível do animal.

A colonização portuguesa foi mais de aventureiros que de trabalhadores braçais. Aventureiros que aqui aportavam com a *miragem do enriquecimento rápido e fácil*. Riqueza a ser depois desfrutada na Europa.

Aventureiros que percorriam a imensidão dos sertões e florestas à procura do El Dourado. O trabalho repetitivo, cansativo, que vê os resultados a distância no tempo foge da ética do aventureiro, cujo ideal, como bem diz Sérgio Buarque de Holanda; é "colher os frutos sem plantar a árvore" (pg. 18). O trabalho braçal é indigno do fidalgo e isso justifica o recurso ao trabalho escravo de índios e negros.

Os ciclos econômicos do Brasil, seja antes que depois da independência, foram movidos a trabalho escravo: ciclos do pau brasil, da cana de açúcar, do ouro, do café, do charque gaúcho: só conheceram trabalho escravo. Os senhores de engenho, como os barões do café ou do charque não sujavam as mãos. Enviavam os filhos a estudar na Europa. Ao retornar os doutores e bacharéis introduziam maneiras de ser e de viver importadas da Europa: usos e costumes parisienses num contexto tropical.

As relações de trabalho passaram de *senhor/escravo* para *patrão/empregado*, mudando na forma sem mudanças na essência. Significativo a esse propósito o fato que quando a mão de obra italiana foi submetida foram objeto de uma comissão de inquérito do reino da Itália, que proibiu a emigração gratuita ao Brasil de mão de obra, deixando livre a emigração de famílias destinadas à colonização (Decreto Prinetti de 26 de março de 1902).

Numa sociedade excludente era natural o surgimento de repetidos movimentos de oposição que terminavam em conflitos frequentemente sangrentos e prontamente e impiedosamente sufocados pelas elites dominantes. Foram *tentativas embrionárias* e, por isso mesmo, destinados à falência, *de mudar as relações de produção*. Tentativas que, por se originar das classes oprimidas e incultas, não podiam oferecer alternativas viáveis ao statu quo. Entram nesta ótica a cabanagem do Grão Pará "o único movimento político do Brasil em que o povo toma o poder, de fato" como escreve Chiavenato (pg. 12); ou a Cabanada de Pernambuco e Alagoas na mesma época: 1830-35. Outras tentativas encontraram inspiração num messianismo igualitário, salvífico e redentor: Sebastianismo, Canudos, Mucker, Contestado, etc. A alienação messiânica, oriunda de profunda frustração e imperiosa necessidade de justiça social, interessou o país de norte a sul para terminar sufocada no sangue. Comum a todos os movimentos foi a espontaneidade aliada a ausência de um projeto alternativo de ordenação social que pudesse comentar as relações de produção numa nova ordem.

O "homem cordial" de Sérgio Buarque de Holanda não tem escrúpulos em tornar-se sanguinário quando vê comprometidos os seus interesses de classe. A cordialidade é para com aqueles que compartilham o seu estilo de vida; para com os outros só o abismo da exclusão e separação social. O racismo¹ existe no Brasil não obstante o sempre repetido lugar comum de "democracia racial". O apartheid social não é determinado pela cor, mas pela posição social, pela renda. Não é o pobre, o desprovido, o negro que se isola em guetos, mas o rico, o privilegiado, que ergue uma barreira

física e social feita de olímpica diferença frente á miséria que o circunda. A *massa dos excluídos* aceitou e em parte ainda *aceita a ordem* implantada, vendo nela algo de sagrado, algo que tem sua origem nos desenhos do criador. Visão compartilhada e inculcada pelas inúmeras seitas de matriz evangélica que nos últimos decênios aprodaram ao país...É então plausível que se chegue um dia a uma reordenação social que elimine as gritantes disparidades e a exclusão? Parece-me difícil, diria praticamente impossível. Não pode então ser excluída uma *convulsão social* de cunho apocalíptico, cujos sintomas são perceptíveis na insegurança cada vez mais grave do *ambiente urbano*, no *grito dos excluídos da terra pelo latifúndio* e nos *condomínios fechados*, versão moderna dos castelos medievais das classes abastadas. (Ver ISTO É, nº 1657 de 21/07/01)

Com referência aos índios, eles ainda não foram assimilados à sociedade brasileira como parte dela de pleno direito. Permanecem "*indígenas*", confirmados em reservas, autênticos zoológicos, permanentemente expostas a invasão por latifundiários e posseiros em busca da gleba que o latifúndio persiste em negar. Os que não foram exterminados pela brutalidade do escravagismo ou pelas armas dos conquistadores, o foram pela "guerra bacteriológica" proporcionada pelos germes que a eles chegaram pelo contato com os brancos e frente aos quais não tinham defesa imunitárias.

Frente ao exposto a tão decantada "democracia racial" tem gosto de piada.

Bibliografia

Para quem quiser aprofundar o tema, aconselho:

CHIAVENATO, J. J. Cabanagem, o povo no poder. Brasiliense S. Paulo, 1984.

FREITAS, D. Cabanos os guerrilheiros do imperador. Graal, 2ª edição Rio de Janeiro, 1982

FREIRE, G. Casa grande e senzala. J. Olimpio, Rio de janeiro, 1954

JANNI, O Raças e Classes Sociais no brasil. Civ. Bras. Rio de janeiro, 1962

HOLANDA, S. B. de Le Radici del Brasile. Rocca, Milano, 1954

HUTTER, L. M. A Imigração Italiana no Brasil (séculos XIX e XX): Dados para a compreensão desse Processo . Em DE BONI (org.), A Presença Italiana no Brasil. EST: Fond. Giovanni Agnelli, Torino, Itália, 1985.

PEREIRA de Queiroz M. I. História e Etnologia de los Movimentos Messiânicos. Siglo Ventiuno, México, 1986.

RIBEIRO, D.O. Povo Brasileiro, Comp. Das letras, S. Paulo, 1995.

SCHADEN, E. leituras de Etnologia Brasileira. Comp. Ed. Nac. S. Paulo, 1976.

